

A photograph of a person's head submerged in blue water. The person's mouth is open, holding a thin, light-colored stick or stick-like object. The water is a deep blue color with some ripples. The person's hair is dark and wet.

CLAUDIA ANDUJAR E A LUTA COLETIVA DOS YANOMAMI

Claudia Andujar and the Collective Struggle of the Yanomami

Adriana Amosso Dolci Leme Palma¹

1 Doutora pelo Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (PGEHA USP) e do Instituto de Artes da Universidade de Münster

RESUMO

Este artigo discute algumas das reverberações do trabalho coletivo empreendido pela fotógrafa Claudia Andujar em parceria com lideranças Yanomami, como Davi Kopenawa, além do antropólogo Bruce Albert e do missionário Carlo Zacquini, em defesa dos direitos do povo Yanomami. Serão analisadas iniciativas empreendidas através da Comissão pela Criação do Parque Yanomami (posteriormente chamada de Comissão Pró-Yanomami), atuante entre a segunda metade do século XX e início do XXI, e seus desdobramentos em projetos e trabalhos desenvolvidos pelos Yanomami.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Fotografia; Yanomami; Comissão Pró-Yanomami.

ABSTRACT

This article analyzes some of the reverberations of the collective work carried out by the photographer Claudia Andujar in collaboration with Yanomami leaders such as Davi Kopenawa, as well as the anthropologist Bruce Albert and the missionary Carlo Zacquini, in defense of the rights of the Yanomami people. The initiatives undertaken through the Commission for the Creation of the Yanomami Park (later called the Pro-Yanomami Commission), active between the second half of the 20th century and the beginning of the 21st, will be examined, along with their developments in projects and works carried out by the Yanomami.

Keywords: Contemporary Art; Photography; Yanomami; Pro-Yanomami Commission.

INTRODUÇÃO

O Brasil, assim como outros países das Américas, carrega as consequências históricas da imposição de uma identidade pretensamente hegemônica, fundamentada no discurso eurocêntrico-colonizador, que silenciou e até hoje silencia a diversidade social, cultural e religiosa dos povos originários e seus descendentes, explorados e vilipendiados por séculos. Nesse processo de submissão da vida e das subjetividades dessas pessoas, um dos fatos mais marcantes é o genocídio da população indígena. Nessa experiência não foram colonizados apenas territórios e povos, mas também corpos, relações humanas, formas de sentir, de interagir, de se expressar no mundo. O século XX carregou heranças dessa lógica de funcionamento.

Em meados desse século, aconteceu o rearranjo geopolítico global e a efetivação dos processos de globalização, que se estendem para África, Ásia e América Latina, impactando fortemente as áreas da cultura e da arte. Nesse contexto, certos artistas pensavam muito além do universo artístico ocidental autocentrado, ampliando suas problematizações para distintos horizontes. Temáticas corriqueiras, questões políticas, sociais, aspectos da Antropologia, entre os mais diversos assuntos, passaram a ser trabalhados pelos artistas de variadas maneiras e através de distintos suportes e materiais.

Nesse cenário surgiram relações entre artistas de formação regida por parâmetros europeus ocidentais e cosmologias de outros povos, como ocorreu entre a fotógrafa Claudia Andujar (1931) e os Yanomami¹, no início da década de 1970.

Andujar não separou sua arte da sua própria vida e da vida dos Yanomami, que segundo a artista, tornaram-se sua família. Ela nasceu na Suíça, mudou-se para o Brasil, onde fixou residência, após perseguição nazista, que dizimou parte da sua família. Inicialmente ela não falava a língua Yanomami, e a fotografia se tornou meio de comunicação, reconhecimento e conexão com aquele novo contexto de vida na Floresta Amazônica, criando uma espécie de tradução visual² de suas interpretações daquela situação. Durante essas vivências, a fotógrafa criou técnicas para captar e tratar imagens daquilo que via, sentia e buscava entender. Elementos da cosmologia Yanomami, experiências sensoriais e rituais foram abordadas nos seus trabalhos. Suas invenções técnicas confluíam com a cena artística de experimentalismos da época³.

A ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) estabeleceu políticas de exploração dos recursos naturais amazônicos, bem

1 Povo indígena de cerca de 22 mil pessoas, que atualmente habita a Terra Indígena Yanomami, composta de aproximadamente 9,5 milhões de hectares entre os Estados do Amazonas e de Roraima, no Brasil. Também há povo Yanomami na Venezuela. (Hanna Limulja, O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (São Paulo: Ubu Editora, 2022, 26-27).

2 Ver Niemeyer Pedro Cesarino, "Claudia Andujar e a tradução xamânica", Revista de fotografia Zum, 16 de outubro de 2019, consultado em 15 de abril de 2024, <https://revistazum.com.br/radar/andujar-traducao-xamanica/>.

3 Paulo Herkenhoff, A espessura da luz: fotografia brasileira contemporânea (São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994).

como a construção de obras de engenharia civil que levaram diversas pessoas para a região ao longo da década de 1970. Os indígenas e seus territórios estavam em risco por conta de doenças, desmatamento, garimpo, entre outras ameaças levadas pelos não-indígenas, como a violência.

Em 1978, Andujar, impedida de retornar à Amazônia pela Lei de Segurança Nacional, criou a Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY)⁴ para a defesa da cultura e do território desses indígenas, junto com outros colaboradores, como o antropólogo francês Bruce Albert (1952) e o missionário italiano Carlo Zacchini (1937), aos quais a partir de 1983 se somaria o xamã Yanomami Davi Kopenawa (ca. 1956).

Inicialmente a atuação da CCPY estava concentrada na região do rio Catrimani, mas, de acordo com Davi, os Yanomami não entendiam as preocupações deles em mostrar mapas da região e falar de demarcação de território. Assim, Davi – que atuava como intérprete da Funai, desde 1977, e transitava com mais facilidade pelo mundo dos não-indígenas – buscava compreender o que a CCPY estava fazendo:

Então, por fim, resolvi lhes fazer uma visita, para escutar suas verdadeiras palavras. Primeiro, eu disse a eles: "Vocês querem proteger nossas florestas sem falar comigo? O que têm a me dizer a respeito disso? Não quero que meu pensamento fique no esquecimento!". Eles me responderam: "Davi você tem de defender a sua floresta, porque se não o fizer você mesmo, cada vez mais brancos virão trabalhar aqui e muitos dos seus ainda vão morrer!". Isso me espantou. O pessoal da Funai de fato já tinha falado comigo em fechar nossa floresta. Mas nunca me disseram que eu mesmo deveria lutar por isso! Então, compreendi que essas novas palavras eram direitas. Expliquei a eles meu próprio pensamento: "Seus dizeres são sensatos. É verdade. Mas se vocês sozinhos falarem em proteger a floresta, os outros brancos não vão lhes dar ouvidos. Vão chamá-los de mentirosos. E se os Yanomami não puderem escutá-los na língua deles, permanecerão surdos também!". Foi depois dessa conversa que o pessoal da CCPY começou a me ajudar a viajar até as cidades para defender nossa terra".⁵

Arte e luta política se uniram nas iniciativas estabelecidas por esse grupo, conectando ao mundo partes de territórios amazônicos e suas culturas locais, através de conferências, ações políticas e exposições das fotografias de Andujar. Entre os trabalhos concretizados a partir dessas parcerias estão: a demarcação do território Yanomami em 1992, a criação de associações indígenas como Hutukara Associação Yanomami (HAY) de 2004, e publicação de livros como *A Queda do Céu: palavras de um xamã Yanomami* (edição em português de 2015) e *O espírito da floresta* (edição em português de 2023), de Kopenawa e Albert.

Considerando esse cenário, este artigo propõe-se a realizar uma reflexão em torno da atuação e de reverberações desse trabalho coletivo empreendido pela fotógrafa, em parceria com lideranças Yanomami, Albert e Zacchini, junto à CCPY. Investigar o histórico de atuações desse grupo e suas ressonâncias permitirá ampliar a discussão sobre alianças, considerando o protagonismo indígena em prol da manutenção da diversidade de modos de vida e identidades que ocupam o Brasil. Para isso faremos também um relato sobre a atuação da professora, pesquisadora e artista Ehuana Yaira Yanomami (1984) e do intérprete, tradutor e cineasta Morzaniel Iramari Yanomami (1980) e suas relações com a atuação da CCPY e a HAY.

Nas últimas décadas, como resultado de intensos movimentos de militância social, política e cultural por parte dos grupos chamados minoritários, em virtude de sua falta de representatividade nos espaços sociais e institucionais, observamos uma crescente valorização da produção artístico-cultural de inúmeros povos tradicionais brasileiros. Esses povos originários, indígenas, haviam sido apartados da construção de uma chamada "identidade brasileira", entendida como única e nacional, e tiveram suas especificidades desconsideradas, especialmente por conta de suas formas de viver e pensar serem completamente distintas das europeias⁶, centradas no modo de vida urbano e industrial, baseado no sistema capitalista.

Nessa extensa luta coletiva iniciada por Andujar, os Yanomami também assumiram posições variadas, batalhando por seus direitos dentro das estruturas e modos de operar do mundo não indígena. Eles ocupam, por exemplo, funções administrativas e políticas, como é o caso de Davi Kopenawa e Dário Kopenawa (1982), que atualmente são presidente e vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami, mas também atuam como artistas. Alguns desses artistas Yanomami – a exemplo de Joseca Mokahehi (1971), Edmar Tokorino (1986), Kalepi Amarildo Isaac Sanõma (1995), Aida Harika (1998) e Roseane Yariana (1999) – estão adentrando os circuitos de arte nacionais e internacionais com seus desenhos, pinturas e filmes, reforçando que a luta pela sobrevivência Yanomami pode assumir diversas frentes.

4 Posteriormente seria chamada de Comissão Pró-Yanomami, mas manteria a sigla CCPY.

5 Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*, 1o ed (São Paulo: Companhia das Letras, 2015), 325-326.

6 Roberto Gambini, *Espelho Índio: a formação da alma brasileira* (São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000).

As inserções desses artistas na cena cultural ocorreram, por exemplo, com participações em exposições como Yanomami, l'esprit de la forêt⁷, em 2003, Histoires de voir, de 2012 e Nous les Arbres, de 2019 (com itinerância em 2021, em Shanghai), todas contaram com cocuradoria de Bruce Albert e foram realizadas pela Fundação Cartier de Paris, a mostra individual "Joseca Yanomami: Nossa terra-floresta", promovida em 2022 pelo Museu de Arte de São Paulo, e a itinerância da mostra "A luta Yanomami" realizada pelo Instituto Moreira Salles no The Shed em Nova York, em 2023, entre outras.

Caminhos que levaram a arte de Andujar para uma luta política coletiva – a CCPY

Nos primeiros tempos de residência no Brasil, Claudia Andujar trabalhou como fotojornalista. Sempre interessada em fotografar pessoas, envolveu-se com reportagens em que temáticas vinculadas a questões humanas. Em 1958, teve seu primeiro contato com povos indígenas, ao passar dois meses junto dos Karajá, povo com quem iria conviver mais em outras oportunidades.

Iniciou seus contatos com os Yanomami em 1971, por conta de uma reportagem para a Revista Realidade. Mas, na sequência deixou o fotojornalismo, e se dedicou a longas estadias nos territórios desse povo. Nesse mesmo ano conheceu Carlo Zacchini, missionário italiano que atuava na Missão Católica no Catrimani, no Estado de Roraima.

Interessada pelo xamanismo Yanomami, buscava ampliar sua convivência com aquele povo, tentando entender suas cosmovisões e condições de vida. A fotografia auxiliava nesse processo investigativo sensível e que se distanciava do raciocínio cartesiano europeu na medida em que a artista foi se aprofundando nas experimentações fotográficas, que chegaram a envolver uma espécie de fazer manual para a construção das fotografias.

Andujar se utilizou por exemplo de iluminação à base de lamparinas para deixar rastros de luz nas imagens; lente grande-angular na qual aplicava vaselina para gerar um efeito visual distorcido; ou ainda usava baixa velocidade de obturação; fazia múltiplas exposições para sobrepor imagens em um mesmo quadro, entre outras técnicas⁸. A Figura 1 a seguir é de uma casa coletiva, na qual é possível ver uma das experimentações de Andujar com o filme infravermelho:



Fig. 1 -Claudia Andujar, Maloca rodeada de folhas de batata doce - da série A casa, 1974-1976, fotografia, arquivo digital sem dimensões, cortesia de Claudia Andujar e Galeria Vermelho.

7 A mostra teve uma itinerância no Rio de Janeiro, em 2004, com o título "Yanomami: o espírito da floresta".

8 Claudia Andujar⁹, por Fondation Cartier pour l'art contemporain, consultado em 20 de nov. de 2023, <https://claudia-andujar.fondation-cartier.com/pt-br/chapters/interpretando-a-cultura-yanomami>.

Claudia conseguiu tomar parte em diversas instâncias da vida cotidiana Yanomami, em eventos mais complexos como as caçadas e importantes rituais intercomunitários. A partir dessas e outras vivências foi sendo reunido um extenso material fotográfico.

No final da década de 1970, Andujar não apenas atuava como artista, mas também ajudava nos trabalhos com os indígenas que estavam sendo afetados pelas doenças, como tuberculose, gripe e varíola, levadas por trabalhadores que adentravam as terras Yanomami, em função da construção da rodovia Perimetral Norte e do garimpo.

Em 1975, em texto publicado no jornal O Estado de S.Paulo, Andujar coloca seu posicionamento em favor dos direitos e da dignidade da vida humana, afirmando:

Mesmo se uma sociedade, como a dos índios, é destinada a ser absorvida pelo mundo tecnológico, cada indivíduo dentro desta cultura tem o direito de se desenvolver para alcançar o nível moral e intelectual que lhe faculta optar pelos valores que ele deseja alcançar⁹.

Em 1977, ocorreu provavelmente o primeiro encontro entre Claudia e Davi Kopenawa, em meio a uma epidemia de sarampo, quando ele atuava como intérprete junto a uma equipe composta por profissionais da saúde e o sertanista Sebastião Amâncio da Costa, que desaprovava a atuação de Andujar e da Missão Catrimani.

Ainda naquele ano, Claudia foi expulsa da Amazônia. Albert, então estudante de doutorado em Antropologia, fez contato com ela a fim de contribuir para a elaboração de um plano de trabalho emergencial para a saúde Yanomami. Em 1978, ambos se reuniram em São Paulo, junto a Zacquini, para preparar um projeto que legalizasse os territórios Yanomami¹⁰. Assim foi criada a Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY). Essa organização sem fins lucrativos reuniu diversos profissionais e contou com a colaboração de muitas pessoas, como Alcida Rita Ramos, Beto Ricardo, Maria Helena Pimentel e Alain Moreau, entre outros.

Entre as suas primeiras iniciativas, a CCPY apresentou ao Ministro do Interior um extenso documento solicitando e justificando a importância da criação de área ampla e contínua reservada aos Yanomami para sua sobrevivência física e cultural, e também como forma de preservação ambiental da região, considerada pelo projeto RADAM Brasil e pelo Código Florestal da época como apta para isso.¹¹

Em documento de balanço das atividades na primeira década de atuação da CCPY¹², é possível observar a complexidade das lutas políticas pela demarcação dos territórios Yanomami, que se desdobravam em diversas frentes de trabalho evidenciadas no relatório por meio de: descrições de pesquisas sobre os Yanomami, seus territórios e problemas gerados pelos contatos com os não-indígenas; tratativas jurídicas; divulgações de informações sobre os Yanomami para o Brasil e o mundo; listagens de outras organizações e pessoas que apoiavam a luta¹³; relatos do amplo trabalho de cuidado interdisciplinar com a saúde Yanomami, assolada pelas epidemias; entre outros projetos.

Ainda nesse documento há uma menção à associação de Davi Kopenawa com a CCPY: “finalmente surge a primeira liderança Yanomami, Davi Kopenawa, através de quem, junto a Ailton Krenak, coordenador da primeira organização indígena brasileira, de caráter nacional, a UNI, se organiza a Assembleia Permanente Yanomami”.¹⁴

Kopenawa relata que foi nessas viagens realizadas em parceria com a CCPY que encontrou pela primeira vez outros indígenas também em luta pela defesa de suas terras. Junto deles, ele foi aprendendo a falar para o mundo dos brancos com firmeza para defender a floresta.

Antes de assumir a luta com a CCPY, Davi tinha ideias muito claras sobre a situação do seu povo e da sua floresta, conforme relata:

9 Claudia Andujar, “General, peço que reconsidere...”, O Estado de S. Paulo (São Paulo, 4 de abril de 1975), citado em Nogueira (Org.), 2019, 201.

10 Davi Kopenawa e Bruce Albert, O espírito da floresta (São Paulo: Companhia das Letras, 2023), 38.

11 CCPY, “Parque Indígena Yanomami: proposta de criação e justificativa” (São Paulo: Comissão Pela Criação do Parque Yanomami, 1978), consultado em 8 de abril de 2024, <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/parque-indigena-yanomami-proposta-de-criacao-e-justificativa>.

12 CCPY, “CCPY: dez anos de trabalho”, 1987, consultado em 8 de abril de 2024, <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/YAD00229.pdf>.

13 Dentre elas estão: Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Associação Brasileira de Antropologia, Instituto de Estudos Socioeconômicos, Conselho Indigenista Missionário Nacional, Anthropology Resource Center, Survival International (Estados Unidos, França e Inglaterra), Gesellschaft für Bedrohte Völker de Hamburgo, Alemanha, entre outras.

14 CCPY, “CCPY: dez anos de trabalho”, 2.

Eu já tinha dado atenção às palavras sobre nossa terra que ouvira da boca do pessoal da Funai e depois da CCPY. Elas tinham começado a fazer seu caminho em mim [...] Tornado fantasma, no tempo do sonho ou sob efeito da yãkoana, eu costumava ver os brancos retalhando nossa terra, como fazem com a deles.

[...] os brancos alegam que esses desenhos de terra têm um preço, e é por isso que os trocam por dinheiro.

Omama¹⁵ não quis, no entanto que o mesmo ocorresse com nossa floresta. Disse aos ancestrais dos brancos, que os criou: "A terra das gentes da floresta não será desenhada. Permanecerá inteira. De outro modo, eles não poderão mais abrir nela suas roças ou caçar como quiserem e acabarão todos morrendo. Vocês podem dividir a terra que dei a vocês, mas fiquem longe da deles!"¹⁶

Em meio ditadura civil-militar brasileira, que negava a existência da diversidade indígena do país, Davi e a CCPY lutavam para que os Yanomami fossem conhecidos nacional e internacionalmente. As fotografias de Claudia tiveram diversos usos nesse período: ilustravam materiais de divulgação, folders, relatórios da CCPY, reportagens para revistas, jornais e TV, palestras, e posteriormente foram exibidas em exposições, muitas vezes de caráter militante, nos meios artísticos nacionais e internacionais. (Figura 2)



Fig.2 - Claudia Andujar, Discurso de Davi Kopenawa no Congresso Nacional, 1988, fotografia, arquivo digital sem dimensões, cortesia de Claudia Andujar e Galeria Vermelho

Nogueira¹⁷ associa a produção de Andujar desse momento a uma espécie de retomada do fotojornalismo. Algumas fotografias mostram uma preocupação em registrar a precarização da vida e da cultura dos Yanomami após o contato com os não-indígenas.

Vale ressaltar que Andujar foi extremamente ativa junto à coordenação da CCPY, o que fica evidente não só pelas fotografias, mas também pelas suas aparições públicas, e pela quantidade de documentos assinados diretamente por ela¹⁸. Suas fotografias também integraram estratégias práticas nas ações de cuidado com a saúde Yanomami.

Os serviços de saúde desenvolvidos pela CCPY foram intensos e essenciais na campanha pela demarcação da Terra Indígena Yanomami. A continuidade dos trabalhos da CCPY com a saúde Yanomami, na década de 1990, foi conduzida pela Organização não-Governamental Urihi, que possuía um convênio com o Ministério da Saúde, e desenvolveu também um trabalho de treinamento em saúde, dando maior autonomia aos indígenas¹⁹.

15 É definido na mitologia Yanomami como o demiurgo, criador da vida, da terra, da floresta etc.

16 Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu*, 327.

17 Thyago Nogueira, *Claudia Andujar: a luta yanomami* (Instituto Moreira Salles, 2008), 236.

18 Nogueira também observa isso em sua pesquisa documental junto ao acervo da CCPY, quando diz: "Andujar assinava pessoalmente quase todas as cartas e manifestos que a organização disparava". Thyago Nogueira, *Claudia Andujar: a luta yanomami* (Instituto Moreira Salles, 2008), 236.

19 Claudia Andujar, *Marcados: Claudia Andujar* (São Paulo: Cosac Naify, 2009), 145.

Nas empreitadas pela vacinação e acompanhamento médico dos indígenas, Claudia, reuniu-se aos médicos Rubens Brando e Francisco Pascalichio para mapear as necessidades dos habitantes do território Yanomami e fazer um Cadastro de Saúde, afim de estabelecer um programa de saúde continuado na região. Eles observaram a urgência de vacinar a população, que não possuía um sistema de nomes fixos como os brancos têm. Assim, foram realizadas por Claudia fotografias individuais de cada Yanomami que recebia um número, como forma de identificação nessa ficha de cadastro, na qual se fazia controle da saúde e também das doses das vacinas.

As imagens produzidas nesse delicado contexto de contato entre indígenas e brancos foram usadas para trabalhos artísticos, como forma de denúncia do estado de calamidade que tal população encontrava-se (Figura 3). Assim, posteriormente na década de 2000, parte dessas fotografias compuseram a série “Marcados”.

O incômodo gerado pelas imagens e pelo contexto de concepção delas, dão margem a questionamentos sobre os limites éticos do trabalho fotográfico e artístico. Claudia comenta que:

Criamos uma nova identidade para eles, sem dúvida, um sistema alheio a sua cultura. São circunstâncias desse trabalho que pretendo mostrar por meio dessas imagens feitas na época. Não se trata de justificar a marca colocada em seu peito, mas de explicitar que ela se refere a um terreno sensível, ambíguo, que pode suscitar constrangimento e dor. A mesma dor que senti por amor ao pisar na grama do parque, um amor impossível com Gyuri [remetendo ao seu afeto de infância que carregava a marca de identificação de judeus feita pelos nazistas e faleceu em campo de concentração].²⁰



Fig. 3 - Claudia Andujar, Sem título da série “Marcados”, Aldeia Ericó, 1981 – 1983. Claudia Andujar, Sem título da série Marcados, Aldeia Aracá, 1983, fotografia, arquivo digital sem dimensões, cortesia de Claudia Andujar e Galeria Vermelho.

Essas imagens apareceriam novamente na instalação multimídia “Genocídio Yanomami: morte do Brasil”, realizada no Museu de Arte de São Paulo em 1989, um ano após a promulgação da Constituição que marcaria o período de redemocratização do Brasil. Essa obra foi uma reação à fragmentação do território Yanomami em 19 ilhas de ocupação indígena que confinavam a população a pequenas regiões, reduzindo suas possibilidades de transitar e fazer as migrações e caças usuais àquela cultura.

A obra percorria, por meio de imagens fotográficas, documentos, notícias de jornais, e músicas de Marluí Miranda²¹, o périplo de Andujar junto aos Yanomami. As projeções das imagens mostravam os indígenas em seus hábitos de vida tradicionais, o contato com o branco por conta do garimpo e das construções civis, e as tragédias decorrentes disso para a cultura Yanomami, além da luta pela sobrevivência dessa gente.

Na ocasião da mostra, houve uma solenidade em homenagem a Davi Kopenawa pelo prêmio recebido da Organização das Nações Unidas, o Global 500 Roll of Honour, em função da sua contribuição na preservação do meio ambiente.

No livreto da mostra constavam fotografias de Andujar e informações textuais sobre os Yanomami, seus modos de vida e sua luta, redigidos por antropólogos e também por Davi Kopenawa, além de prefácio de outra liderança indígena, Ailton Krenak (1953). Era uma forma de conscientizar sobre a complexidade dessa cultura e justificar a necessidade da demarcação de um território contínuo para aquele povo.

A homologação da terra indígena Yanomami (TIY) foi concretizada em 1992, mesmo ano de ocorrência da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro, conhecida como ECO-92. No entanto as invasões ilegais de garimpeiros continuaram. A CCPY manteve suas campanhas e em 1995, modificou seu nome para Comissão Pró-Yanomami. Nesse mesmo ano, iniciou amplo projeto de educação indígena, criando rede escolar em três regiões do território Yanomami, no Estado do Amazonas. Na década de 2000, o projeto educacional foi ampliado para o Estado de

²⁰ Claudia Andujar, 5.

²¹ Cantora, compositora e pesquisadora que trabalha com pesquisas de músicas tradicionais de povos indígenas.

Roraima, contando com trinta e cinco escolas indígenas²². A comunidade de Watorikí, na qual Davi vive, acabou recebendo muitos dos programas-piloto em saúde e educação da CCPY, que posteriormente expandiram-se para outras zonas da TIY. Isso também resultou em algumas gerações de Yanomami alfabetizadas.

Sobre tal momento Machado e Jabra comentam:

Esta janela de tranquilidade vivida pelos Yanomami logo após a demarcação possibilitou o florescimento das primeiras experiências de escolarização diferenciada e a demanda pela produção de materiais didáticos. A chegada de materiais escolares, e também de desenho, fomentou outra vez uma produção artística yanomami, ainda que inicialmente direcionada para as escolas. Assim foram produzidos diversos materiais e cartilhas, como o livro *Yama ká hwërimamouwi thë ã oni*: palavras escritas para nos curar, publicado em 1997 pela CCPY, um dos primeiros em língua Yanomami, feito e ilustrado por Joseca Mokahehi e Morzaniel Iramari, com assessoria de Bruce Albert. Joseca Mokahehi, à época, foi o primeiro professor yanomami de sua comunidade²³.

TIY COMO UM POLO DIFUSOR DE LUTA E ARTE

O início da década de 2000 foi um momento em que as parcerias coletivas em torno da causa Yanomami ganhavam novos delineamentos, tendo proeminência da atuação dos próprios indígenas na luta. Andujar encerrava suas atividades administrativas junto a CCPY²⁴, e passava a dedicar-se mais intensamente à sua produção artística ainda em prol da causa Yanomami. Era criada a Hutukara Associação Yanomami (HAY) em 2004, tendo apoio da Comissão Pró-Yanomami e do Instituto Socioambiental (ISA), este já era parceiro da CCPY desde 1994 e posteriormente deu continuidade a parte de suas atividades. Bruce Albert e Hervé Chandes, apresentados por Claudia, concebiam uma proposta curatorial, que reunia xamãs da aldeia Watorikí a artistas brasileiros e estrangeiros, culminando na mostra “Yanomami, o espírito da Floresta”, que iria estender-se para outras ações e exposições envolvendo artistas indígenas, dentre os quais estão Ehuana Yaira e Morzaniel Iramari, ambos formados professores em escolas indígenas implantadas pela CCPY.

A partir de uma das assembleias organizadas na comunidade Yanomami de Watorikí, em 2004, surge a Hutukara Associação Yanomami, tendo Davi Kopenawa eleito como presidente a partir de então. Desde o final da década de 1990, comunidades Yanomami começaram a se articular para a criação de associações locais de mediação com os não-indígenas²⁵. Em 1998, surgiu a primeira delas, a Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA)²⁶. Atualmente há diversas associações²⁷ e a HAY é responsável pela organização do Fórum de Lideranças da TI Yanomami, que as reúne em assembleias de consulta e organização das demandas das várias regiões do território. Nessas reuniões são analisados projetos governamentais e ocorrem as organizações das pautas e documentos necessários para negociações entre as diversas comunidades Yanomami e entidades governamentais, entre outras tratativas.

Desde 2014, a HAY apoia financeiramente diversas atividades e encontros, a exemplo do Encontros das Mulheres Yanomami, que discute diversos assuntos do universo feminino. As reuniões vêm ocorrendo anualmente, com exceção do período da pandemia de Covid-19. Já foram discutidos diversos assuntos como a geração de novas rendas, a pesquisa, organização e apresentação de trabalhos manuais, entre outros temas²⁸.

22 Informação disponível em: <http://www.proyanomami.org.br/quem.htm>, consultado em 2 de abril de 2024.

23 Ana Machado e Daniel Jabra, “Yanomami: a arte como luta”, Revista Select, consultado em 14 de maio de 2024, <https://select.art.br/yanomami-a-arte-como-luta/>.

24 Inicialmente Andujar deixou a presidência da CCPY e ficou responsável apenas por coordenar o Projeto de Visibilidade, dedicando-se à difusão cultural para a manutenção da luta pelos Yanomami. Em cronologia sobre o trabalho fotógrafa (Thyago Nogueira, 2019, 280), há informações sobre o encerramento das suas colaborações junto a CCPY, quando ela “recebe o prêmio de Liberdade Cultural da Fundação Lannan, nos Estados Unidos, que pretende doar 250 mil dólares a projetos na área Yanomami indicados por Andujar. Um impasse sobre como aplicar os recursos leva a fundação a cancelar a doação, e Andujar demite-se do conselho diretor da CCPY”.

25 Informação disponível em: <https://ayrca.wordpress.com/nosso-jeito-de-tomar-decisoes/>, Acesso em: 03 abr. 2024.

26 Corrado Dalmonego, “Hutukara Associação Yanomami”, em Enciclopédia de Antropologia (Departamento de Antropologia USP), consultado em 28 de abril de 2024, <https://eafllch.usp.br/instituicoes/hutukara-associacao-yanomami>.

27 Dentre elas estão: Associação de Mulheres Yanomami Kumirayoma (AMYK), Associação Ye'kwana Wanasseduume (SEDUUME), Associação Kurikama Yanomami (AKY), Urihi Associação Yanomami, Associação Xoromawë, Associação Parawamí, Associação Sanõma Ypassali, Associação Ninam Texoli (TANER).

28 Informações disponíveis em: <https://hutukarayanomami.org/mulheres-yanomami/>, consultado em 11 abr. 2023.

Ehuana Yaira é oriunda da comunidade Watorikî, onde é pesquisadora e artista. Ela frequentou a escola indígena, foi alfabetizada em yanomae e posteriormente também trabalhou como professora. Em 2018, foi a organizadora do XI Encontro de Mulheres Yanomami, que tratou do direito das mulheres, da língua e da educação Yanomami e também dos produtos das cestarias locais.

Ehuana vem assumindo um papel importante na liderança local e também atua com a preservação e difusão de conhecimentos tradicionais Yanomami, em especial sobre o universo feminino. Algumas das pesquisas realizadas por Ehuana, resultaram na publicação, em 2017, do seu primeiro livro, escrito em língua yanomae, de título “Yipîmuwi thëã oni: Palavras escritas sobre menstruação”. Feita em parceria com a antropóloga Ana Maria Machado, apoio da HAY e do ISA, a publicação evidencia também resultados das históricas atuações da CCPY nos cuidados com educação e saúde na região. Conforme Machado comenta, o livro

[...] nasceu a partir de uma entrevista feita por Ehuana a Luana – duas mulheres yanomami de gerações diferentes. O rito da primeira menstruação é o fio condutor desta conversa, tema que se desdobra em outros assuntos como casamento, sexo, parto, mudanças geracionais, ritual, primeiros contatos com os napêpê²⁹, epidemias e mortes. Formando assim um mosaico de narrativas com temas importantes para as mulheres yanomami. O encontro de duas gerações apresentados nessas linhas, reflete a história recente dos Yanomami das regiões hoje conhecidas como Demini e Toototopi. Luana Yanomami, a quem é dirigida a entrevista, tem seis filhos, vários netos e alguns bisnetos. Em sua longa trajetória viveu o drama dos primeiros contatos com os napêpê, perdendo vários de seus parentes por epidemias de sarampo, como conta neste livro. Luana tem testemunhado rápidas mudanças geracionais entre os Yanomami, inclusive em relação ao resguardo durante a primeira menstruação, como conta aqui. Ehuana, pesquisadora yanomami que conduziu a entrevista, é mãe de três filhos. Ela cresceu em um momento histórico de intenso contato entre os Yanomami de sua aldeia com os napêpê, tendo acesso a programas de saúde e escolarização direcionados especificamente para seu povo. Este contexto levou Ehuana a se alfabetizar em sua língua materna, desenvolver pesquisas e trabalhar como professora por algum período em sua aldeia³⁰.

Nesse livro há desenhos de Ehuana que auxiliam na compreensão dos vários processos decorrentes de transformações na vida e no corpo da mulher relacionadas à menstruação. Ehuana já havia participado junto de outros Yanomami em pesquisas sobre plantas medicinais da região que resultaram na publicação “Hwërimamotima thë pë ã oni: Manual dos remédios tradicionais Yanomami” de 2015. Nesse livro há a presença de ilustrações também de sua autoria. Ela colaborou como autora e ilustradora para a publicação “As línguas Yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade”, de 2019. Suas obras em desenho adentraram no circuito artístico em 2019, sendo exibidas inicialmente pela Fundação Cartier em Paris, Shangai e Milão.

Em 2023, Ehuana integrou a itinerância da mostra “Claudia Andujar: A Luta Yanomami” realizada pelo Instituto Moreira Salles no The Shed, nos Estados Unidos. Lá ela participou de palestras junto de Claudia, quando foi publicada a seguinte reportagem que dá pistas de possíveis relações entre as duas artistas:

Quando se encontrou com Claudia, recebeu um pedido que não a surpreendeu, e que pretende cumprir ao pé da letra:

– Ela [Claudia] me disse que está muito velha e que agora é a hora dos jovens, que nós temos de lutar pela vida do nosso povo através de nossa arte. E que se não lutarmos vamos sofrer muito. Pensei dentro de mim... isso é verdade.

Ehuana lembra de quando a fotógrafa visitava as aldeias ianomâmis e passava longas temporadas fotografando indígenas e levando ao mundo suas histórias. A artista era criança e nunca sonhou em participar de uma exposição com aquela senhora branca e simpática, que assumiu a luta dos ianomâmis como própria.

– Cresci vendo Claudia trabalhar - afirma Ehuana, que começou a desenhar aos 10 anos e, ao longo do tempo, concentrou seu olhar nas vidas das mulheres ianomâmis, em questões rotineiras e em dramas ainda atuais, como o abuso sexual que sofrem de garimpeiros³¹.

29 Significa não-indígenas, brancos.

30 Ehuana Yaira Yanomami e Luana Pawë Yanomami, Yipîmuwi Thëã Oni: palavras escritas sobre menstruação (Belo Horizonte: Fino Traço, 2017), 8-9.

31 Janaina Figueiredo e Kathlen Barbosa, “A luta Yanomami”: exposição com fotos de Claudia Andujar chega à Fundação Cartier, em Nova York”, Jornal O Globo, 3 de fevereiro de 2023, Seção Cultura, consultado em 2 de abril de 2024, <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-vi-suais/noticia/2023/02/a-luta-yanomami-exposicao-com-fotos-de-claudia-andujar-chega-a-fundacao-cartier-em-nova-york.ghtml>.

Há alguns anos Ehuana vem empreendendo a luta pelo seu povo, utilizando-se de estratégias variadas para a preservação dos conhecimentos tradicionais Yanomami e para a formação e conscientização dos indígenas sobre suas condições de vida e direitos em relação ao mundo não-indígena.

Pertencente à mesma geração de Ehuana, Morzaniel Iramari é cineasta, tradutor e intérprete. Ele já trabalhou como professor nas escolas indígenas e foi coordenador de comunicação na HAY. Também tomou parte em grupo de trabalho coletivo que conduziu, por exemplo, a publicação do livro da artista em 2017. Morzaniel realizou filmes que já foram exibidos em diversas mostras de cinema, na 35ª Bienal de São Paulo e na itinerância da exposição “Claudia Andujar: A Luta Yanomami”, no The Shed, quando concedeu uma entrevista, na qual afirma:

Para conseguir apoio de outros não indígenas, foi muito importante participar da exposição da Claudia Andujar. Ela ajudou a demarcar a terra Yanomami, e agora estamos junto com ela mostrando a nossa imagem dos Yanomami. Para mostrar como nós estamos vivendo, como está vivendo a nossa cultura, para eles conhecerem a vivência do povo Yanomami.

O Davi explica: quando o Yanomami morrer, quando os xamãs morrerem, todo mundo vai morrer. Por isso é muito importante para o não indígena de fora do Brasil conhecer a nossa realidade. Quando eu não tinha nascido, a Claudia trabalhou muito. Agora nós estamos chegando onde ela conseguiu chegar para defender o povo Yanomami. E hoje é o próprio Yanomami que está fazendo. Nós estamos desenhando, estamos mostrando com os filmes³².

Entre seus filmes, estão: Xapiripë Yanopë [Casa dos espíritos] (2010), dirigido em parceria com Dário Kopenawa, Urihi Haromatimapë [Curadores da terra-floresta] (2014) e Mãri Hi [A árvore do sonho] (2023). Neles são abordadas diversas questões da cosmovisão Yanomami, como o xamanismo e a importância dos sonhos para sua cultura.

O cineasta possui uma forma de elaboração de suas filmagens na qual não conduz as pessoas que estão sendo filmadas, como usualmente os não-indígenas fazem, assim as atividades realizadas pelos Yanomami em seus filmes possuem uma maior naturalidade³³. O tempo das ações também é distinto, respeitando o desenvolvimento original de cada situação filmada. Em Urihi Haromatimapë, parte de um longo ritual xamânico de cura da terra é registrada em uma hora de filme.

Morzaniel é organizador de outra publicação em língua yanomae, intitulada de “XAPIRI THEË ONI = Palavras escritas sobre os xamãs Yanomami”, de 2014. Morzaniel junto de Ana M. Machado e equipe coletiva da qual também Ehuana participou, realizaram pesquisas, entre 2010 e 2013, com seis xamãs da comunidade Watorikí, em oficinas organizadas pela HAY e ISA. Conforme Machado explica:

O livro, destinado ao público yanomami, busca captar a riqueza da fala de seus xamãs e leva-las para o texto escrito, colocando à disposição das pessoas letradas – alunos e ex-alunos das escolas yanomami – uma peça rica de sua literatura. Pretendemos contribuir assim para o fortalecimento da escrita em língua materna, por meio da circulação destes livros nas aldeias e de seu uso como material paradigmático nas escolas indígenas. Para além do material escrito, esta publicação busca também responder à demanda atual dos yanomami por materiais audiovisuais como os DVDs e CDs, visto que aparelhos eletrônicos se tornam cada vez mais presentes no cotidiano das aldeias yanomami³⁴.

A antropóloga ainda resalta a importância do uso de linguagens adquiridas pelos Yanomami no contato com os brancos, como o desenho, o cinema, entre outras:

[...] a intensificação do contato com os napëpë certamente gera mudanças significativas e desafiadoras para os Yanomami. Nesse cenário, a produção de materiais artísticos e literários pode ser vista como uma forma positiva de utilização de meios de expressão e comunicação advindos do contato. Sendo assim, esta é uma contribuição – que embora singela – tem também o sentido de contribuir para a divulgação e fortalecimento do xamanismo entre os yanomami. Apesar da vivacidade do xamanismo na aldeia do Watorikí, a falta de continuidade na formação de novos xamãs em outras regiões da Terra indígena Yanomami, sem dúvida é uma ameaça para sua continuidade³⁵.

Discussões sobre objetos produzidos por indígenas poderem ser ou não incluídos no conceito de arte Ocidental envolvem grande complexidade, indo muito além de reflexões próprias do campo da arte, como a visualidade ou a estilística, conforme Ticio Escobar comenta:

[...] há outras razões, de caráter político, para defender o termo “arte indígena”. Reconhecer a existência de uma arte diferenciada pode negar uma posição discriminatória, que supõe que a cultura ocidental detenha a prerrogativa de acessar determinadas experiências sensíveis privilegiadas. E pode propor outra visão sobre o indígena atual: abre a possibilidade de considerá-lo não apenas como um ser

32 Morzaniel Iramari Yanomami, “VOZES DA FLORESTA: ‘Os xamãs sonham e falam que a floresta está chorando porque está destruída’”, 25 de abril de 2023, consultado em 2 de abril de 2024, <https://sumauma.com/os-xamas-sonham-e-falam-que-a-floresta-esta-chorando-por-que-esta-destruida/>.

33 Morzaniel Iramari Yanomami, Entrevista concedida por Morzaniel Iramari a Adriana Palma, Boa Vista, Plataforma Zoom, 23 de maio de 2024.

34 Morzaniel Iramari Yanomami e Ana Maria Machado, XAPIRI THEË ONI = Palavras escritas sobre os xamãs Yanomami (São Paulo; Boa Vista: Instituto Socioambiental; Hutukara Associação Yanomami, 2014), 10.

35 Morzaniel Iramari Yanomami e Ana Maria Machado, 10.

marginalizado e humilhado, mas como um criador, um produtor de formas genuínas, um sujeito sensível e imaginativo capaz de encontrar soluções e figuras novas para o patrimônio simbólico universal³⁶.

O artista macuxi Jaider Esbell concebeu importantes reflexões que abordam a inserção dos indígenas no meio da arte contemporânea. Assim, ele reforça as inferências de Escobar e Machado e evidencia que há muito desse fazer artístico indígena atual que os não-indígenas não acessam e talvez nem possam fazê-lo, por desconhecem os segredos guardados pelos milênios da existência indígena:

Os propósitos da arte indígena contemporânea vão muito além do assimilar e usufruir de estruturas econômicas, icônicas e midiáticas. A arte indígena contemporânea é, sim, um caso específico de empoderamento no campo cosmológico de pensar a humanidade e o meio ambiente. [...]

Devo dizer que meu atuar ecoa para um sentido da arte que puxamos para nós indígenas em relação ao grande mundo. Fazemos política de resistência declarada com a arte em contexto contemporâneo aberto. Em contexto fechado, ressignificamos nossas estruturas culturais e sociais com arte e espiritualidade em um mútuo alimentar de energias para compor a grande urgência de sustentar o céu acima de nossas cabeças³⁷.

Há dilemas e contradições que talvez sempre permeiem as relações entre os indígenas e os não-indígenas eurocentrados. Outro exemplo disso, envolve ainda as fotografias de Andujar. Parte dos Yanomami, a exemplo de Kopenawa, entendem que tais obras podem ser uma forma de preservação de momentos da história Yanomami para as futuras gerações, em especial de não-indígenas. Porém, dentro da cultura Yanomami, quaisquer vestígios e, portanto, também registros visuais de pessoas já falecidas, devem ser destruídos. Em entrevista concedida pela antropóloga Ana Maria Machado³⁸, ela relatou a tristeza e o incômodo que imagens de pessoas já falecidas causam aos Yanomami. Porém, a postura de Davi Kopenawa e da Hutukara Associação Yanomami é de que essas fotografias continuem a circular, em especial no mundo não-indígena, em prol da luta pelos direitos Yanomami. Assim, hoje há comunidades Yanomami que permitem a circulação dessas imagens, mas há outras que nem sequer conhecem o trabalho da fotógrafa.

De acordo com Ailton Krenak³⁹, há soluções possíveis para enfrentar essas barreiras e conflitos entre as diferenças. As trocas e as alianças podem fazer parte dessas metodologias e os artistas aqui analisados demonstram possibilidades de diversos usos delas, algumas bem-sucedidas, outras passíveis de questionamentos que também podem enriquecer a discussão. As alternativas abertas pela utilização da criatividade e da poética artísticas podem configurar-se como estratégias primordiais, conforme Machado e Jabra defendem:

Mas por que através da arte? Pois talvez ela seja o último lugar possível de produção de um ambiente frutífero entre formas tão distintas de conceber o mundo. É na arte que resiste o último reduto para o "pensamento selvagem" – ou, podemos dizer, sensível – existir e se expressar entre o "povo da mercadoria", tornando-se assim um meio possível de conexão entre esses mundos, atingindo e comunicando pela emoção estética. É dessa forma que a potência da arte indígena se dá como possibilidade de abertura para um outro tipo de diálogo e encontro, capaz de produzir transformação. Nesse sentido, a arte indígena é pensada também como estratégia política e, no caso yanomami, essa estratégia de unir arte e política está na origem da luta yanomami⁴⁰.

Assim, por um lado, é possível observar que a longa colaboração entre Andujar e os Yanomami propiciou a difusão e maior valorização da cultura Yanomami, especialmente nos circuitos artísticos nacionais e internacionais, nas últimas décadas; por outro lado, atualmente há um genocídio em curso, causado pelo avanço de atividades ilegais no território Yanomami, como o garimpo e a agropecuária, e pela falta de políticas públicas de proteção efetiva dos povos originários no país. Essa situação reflete as relações problemáticas entre os povos das cidades e os povos das florestas, evidenciando permanências de contradições históricas na sociedade brasileira. A difusão da cosmovisão Yanomami por meio de expressões artísticas continua entre as estratégias de luta e aproximação entre os mundos indígenas e não-indígenas, e nos últimos anos também conta com vozes variadas de novas gerações de Yanomami.

36 Ticio Escobar, "Arte Indígena: o desafio do universal", em Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate (São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016), 19–37, consultado em 1 de fevereiro de 2025, https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/44538/2/ESCRITA_DA_HISTORIA_E_RE_CONSTRUCAO_DAS.pdf.24.

37 Jaider Esbell, "Arte indígena contemporânea e o grande mundo", Revista Select, 4 de novembro de 2021, consultado em 15 abril 2024, <https://select.art.br/arte-indigena-contemporanea-e-o-grande-mundo-2/>.

38 Ana Maria Machado, Entrevista concedida por Ana Maria Machado a Adriana Palma, Plataforma Zoom, 2 de maio de 2024.

39 Pedro Cesarino, "As alianças afetivas. Entrevista com Ailton Krenak", em Incerteza viva: dias de estudo: pesquisas para a 32a Bienal (São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016).

40 Ana Machado e Daniel Jabra, "Yanomami: a arte como luta".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDUJAR, Claudia. Marcados: Claudia Andujar. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BEDINELLI, Talita. VOZES DA FLORESTA. 'Os xamãs sonham e falam que a floresta está chorando porque está destruída'. Sumaúma Jornalismo do Centro do Mundo, 25/04/2023. Disponível em: <https://sumauma.com/os-xamas-sonham-e-falam-que-a-floresta-esta-chorando-porque-esta-destruida/>, acesso em: 02 abr.2024.
- DALMONEGO, Corrado. 2023. "Hutukara Associação Yanomami". In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/instituicoes/hutukara-associacao-yanomami>, acesso em 28 abr. 2024.
- ESBELL, Jaider. Nova ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA E O GRANDE MUNDO. Revista Select. 4 nov. 2021. Disponível em: <https://select.art.br/arte-indigena-contemporanea-e-o-grande-mundo-2/>, acesso em 15 abr. 2024.
- FERREIRA, Helder Perri; MACHADO, Ana M.; SENRA, Estêvão B. (org.). As línguas yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade. São Paulo: ISA - Instituto Socioambiental; Boa Vista, RR: Hutukara Associação Yanomami (HAY), 2019. Saberes da floresta Yanomami v. 17.
- FREIRE, Cristina (org.). Escrita da história e (re)construção das memórias: arte e arquivos em debate. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.
- _____. Arte Conceitual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GAMBINI, Roberto. Espelho Índio: a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.
- HERKENHOFF, Paulo (org.). A espessura da luz: fotografia brasileira contemporânea. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1994.
- INCERTEZA VIVA: dias de estudo: pesquisas para a 32a Bienal, 2016. Catálogo de exposição.
- JABRA, Daniel; MACHADO, Ana M. "YANOMAMI: A ARTE COMO LUTA". Revista Select. 13 maio 2024. Disponível em: <https://select.art.br/yanomami-a-arte-como-luta/>, acesso em 14 maio 2024.
- LIMULJA, Hanna. O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- NIEMEYER, Pedro Cesarino. Claudia Andujar e a tradução xamânica. In: Revista de fotografia Zum, Instituto Moreira Salles, 16 out. 2019. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/andujar-traducao-xamanica/>, Acesso em: 15 abr. 2024.
- MACHADO, Ana Maria; Yanomami, Morzaniel Iramari. (orgs.) XAPIRI THĚĂ ONI = Palavras escritas sobre os xamãs Yanomami. São Paulo: Instituto Socioambiental; Boa Vista, RR: Hutukara Associação Yanomami, 2014. (Série Urihi anê thĕpĕã pouwi: saberes da floresta).
- NOGUEIRA, Thyago (Org.). Claudia Andujar: a luta yanomami. São Paulo: IMS, 2018.
- YANOMAMI, Ehuana Yaira. Yipimuwi Thĕă Oni: palavras escritas sobre menstruação / Ehuana Yaira Yanomami, Luana Pawĕ Yanomami. - 1ed. - Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2017.
- YANOMAMI: o espírito da floresta. Rio de Janeiro (RJ): Centro Cultural Banco do Brasil, 2004. Catálogo de exposição.

Entrevistas:

- Entrevista concedida por Ana Maria Machado a Adriana Palma. Salvador, em 02/05/2024. Gravada via Zoom.
- Entrevista concedida por Morzaniel Iramari a Adriana Palma. Boa Vista, 23/05/2024. Gravada via Zoom.

Documentos:

- Parque Indígena Yanomami: proposta de criação e justificativa. Relatório. São Paulo: CCPY, 1978. 88 páginas. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/parque-indigena-yanomami-proposta-de-criacao-e-justificativa>, Acesso em: 8 abr. 2024.
- CCPY: dez anos de trabalho. Relatório. 1987. 80 páginas. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/YAD00229.pdf>, Acesso em: 7 abr. 2024.